



SOBRE INFLEXÕES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UMA AÇÃO EXTENSIONISTA

Célia Aparecida Araújo Lemos¹ Ana Raquel Martins de Holanda² Betânia Maria Oliveira de Amorim³ Caio Cesar Winker e Silva⁴ Willey Pereira dos Santos⁵

¹Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande celia.2011.lemos@gmail.com

²Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande raquelmartinsh@gmail.com

³Professora Dr^a do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande betania_maria@yahoo.com.br

⁴Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande caio_winke@hotmail.com

⁵Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande will.lecter@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência vivenciada com o grupo de mulheres do Assentamento José Antonio Eufrozino/Coletivo Unidos no Campo, durante a execução das atividades do Projeto de Extensão - Sexualidade, gênero e adolescência: promovendo discursos e (re)significações assentadas no Eufrozino. O trabalho com o referido grupo é parte dos desdobramentos desencadeados pelo acolhimento da demanda apresentada pela comunidade, uma vez que, a proposta inicial voltava-se especificamente para o grupo intitulado – *Força Jovem Unidos no Campo* – composto por adolescentes que pertencem ao assentamento. Desse modo, trata-se de um recorte das atividades realizadas durante a execução do projeto que evidencia as problemáticas, reflexões e ações que emergiram por meio do diálogo nos encontros realizados com o grupo de mulheres.

Palavras-Chave: Gênero, educação popular, mulheres, participação, autonomia.

SITUANDO O CAMPO DE INTERVENÇÃO E SUAS VICISSITUDES

A multiplicidade de elementos que caracterizam a extensão universitária torna esta atividade dinâmica e, por vezes, imprevisível. Desse modo, ao traçarmos os objetivos e a metodologia de uma ação extensionista devemos estar atentos às inflexões e contingências que podem incidir sobre um projeto, modificando o caminho, inicialmente traçado. Em outras palavras, um projeto de extensão não pode ser alheio à realidade cotidiana, impedindo que os indivíduos expressem seus anseios e habilidades da melhor forma possível. Assim,

a disposição para repensar, sempre que necessário, o caminho a ser trilhado é imprescindível no desenvolvimento de uma ação junto às comunidades, especialmente se nos comprometemos a respeitar e tornar coparticipantes os sujeitos do campo a qual nossa ação é direcionada, permitindo que cada indivíduo construa seu pensamento e ação por meio da reflexão da própria experiência. É preciso saber ouvir se pretendemos possibilitar a um determinado grupo fazer uma leitura crítica do mundo.

“É preciso saber como ouvir, ou seja, saber como ouvir uma criança negra com a linguagem específica dele ou dela



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como a sintaxe específica dele ou dela, saber como ouvir o camponês negro analfabeto, saber como ouvir um aluno rico, saber como ouvir os assim chamados representantes de minorias que são basicamente oprimidas. Se não aprendermos como ouvir essas vozes, na verdade não aprendemos realmente como falar. Apenas aqueles que ouvem, falam. Aqueles que não ouvem acabam apenas por gritar, vociferando a linguagem ao impor suas ideias (FREIRE: 2001, p.58).

Tomando como princípio que o trabalho em grupo deve se pautar em uma perspectiva participativa e dialógica desenvolvemos o Projeto - Sexualidade, gênero e adolescência: promovendo discursos e (re)significações assentadas no Eufrozino. A referida atividade foi realizada, no período de maio à dezembro de 2015, no assentamento José Antônio Eufrozino/Coletivo Unidos no Campo, localizado na zona rural do distrito de São José da Mata, aproximadamente, a doze quilômetros de Campina Grande/PB. A equipe responsável foi composta por cinco discentes do curso de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG sob a coordenação da Dra. Betânia Maria Oliveira de Amorim, docente vinculada a Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – UAPSI/CCBS. A princípio, nosso objetivo buscava promover a reflexão sobre os

diversos temas que circundam a sexualidade, visando à redução da vulnerabilidade dos adolescentes as DST's e a gravidez não planejada, bem como aos valores, preconceitos e tabus que permeiam as relações de gênero.

Para tanto, encontramos nos pressupostos da Educação popular e da pedagogia problematizadora de Paulo Freire, os referenciais para a postura flexível, respeitosa e dialógica a qual o projeto se propunha. Nessa perspectiva, partimos das experiências e saberes trazidos pelos sujeitos, por entendermos que a problematização e o diálogo possibilitam a instauração do processo de conscientização e transformação social.

A proposta de intervenção inicial estava voltada especificamente para um conjunto de dez adolescentes que compõem o grupo – *Força Jovem Unidos no Campo* – pertencente ao Eufrozino e vinculado à associação Coletivo Unidos no Campo. Todavia, fomos surpreendidos com uma demanda advinda do grupo de mulheres participantes da referida associação, para incluí-las em uma proposta de trabalho a ser desenvolvido, concomitantemente, com aquela que havíamos estabelecido para os adolescentes.

Conforme já mencionamos, a flexibilidade é um elemento fundamental na

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

instauração do diálogo e na construção de uma ciência aberta as contribuições e necessidades da comunidade, sendo assim, avaliamos ser pertinente acolher a demanda, ora apresentada pelo coletivo de mulheres. Contudo, tínhamos clareza que, acolhê-la implicaria no redimensionamento da nossa proposta inicial, e que teria como consequência, entre outros, o aumento considerável do nosso investimento em termos de tempo para estudo, preparação das oficinas e número de encontros para trabalhar com distintos grupos.

Assim, respeitando os interesses que nos foram apresentados, ampliamos o trabalho a ser desenvolvido acolhendo também doze mulheres do assentamento que desejavam estabelecer um “Grupo de Mulheres”. Vale salientar que, a maioria destas mulheres possuem filhos os quais as acompanhavam aos encontros, em virtude da inexistência de um local adequado para deixá-los durante a realização das atividades do projeto. Observando que as crianças solicitavam em demasia a atenção das mães, comprometendo sua participação nas atividades planejadas, estabelecemos um espaço lúdico para acolhê-las.

Conforme pode ser observado nosso projeto inicial, em virtude das vicissitudes ocorridas passou por desdobramentos e ressignificações. Sendo assim,

apresentaremos neste trabalho um recorte do Projeto de Extensão Sexualidade, gênero e adolescência: promovendo discursos e (re)significações assentadas no Eufrozino que trata especificamente da ação desenvolvida com o grupo de mulheres. Assim, iremos relatar a experiência vivenciada com o referido grupo evidenciando as problemáticas, reflexões e ações que emergiram por meio do diálogo propiciado pelos encontros realizados durante a execução do projeto.

METODOLOGIA

Desde o início da realização do nosso projeto tínhamos clareza que estávamos diante de um desafio, pois, como nos diria Paulo Freire, com a experiência, alarga-se o campo da nossa ignorância e precisamos ouvir mais, precisamos contar com o outro para superar nossa “incompletude”. Nesse sentido, fundamentamos nossa prática nos saberes da Educação Popular, Psicologia Comunitária e Educacional, aliando-os ao saber da comunidade contemplando as visões de homem e de mundo de ambas as partes, em um espaço com características e dinâmicas próprias de funcionamento.

Nessa perspectiva, as metodologias utilizadas foram de cunho participativas, cujo foco reside em trabalhar os problemas/tensões, refletindo sobre estes, para criar possíveis soluções (AMORIM, 2015). Assim, as atividades propostas nas

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



oficinas tinham por objetivo implicar os sujeitos levando-os a reflexão.

Assim, como propõe Freitas (1998) às atividades elaboradas e desenvolvidas possuíam caráter de construção coletiva, uma vez que, foi prioritariamente considerada a participação conjunta da comunidade nas decisões e atividades que foram executadas. Ao utilizarmos tais metodologias reafirmamos a concepção de protagonismo dos atores sociais frente à sua própria conjuntura, ressaltando a importância da autonomia e engajamento nas decisões coletivas da comunidade.

Dessa forma, entendemos que a trabalho realizada durante o projeto classifica-se como participante, que segundo a definição de Minayo (2014) trata-se de “um processo pelo qual mantém-se a presença do observador em uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica” (p. 274). Para a autora, essa é uma técnica utilizada em pesquisas qualitativas, cuja característica é a incorporação da questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. O estudo qualitativo pretende apreender a totalidade coletada visando, em última instância, atingir o conhecimento de um fenômeno histórico que é significativo em sua singularidade.

Como instrumento de registro das vivências, reflexões e percepções, utilizamos o diário de campo. Para Minayo (2014), esse recurso “nada mais é que um caderninho de notas, em que o investigador, dia a dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista” (p. 95). Tal instrumento garantiu a preservação de informações referentes à nossa atuação enquanto mediadores.

PRÁXIS PARA GERAÇÃO DE AUTONOMIA

As atividades com o grupo de mulheres promoveu o encontro de sujeitos, saberes e fazeres, proporcionando a dialética entre saberes acadêmicos e saberes populares. E para além, um grupo que se encontrava apenas por ocasião das reuniões da associação de moradores estreitou laços comunitários que, conforme fomos nos apropriando do espaço percebemos serem inexistentes.

Conforme adentrávamos no campo e na medida em que nos aproximávamos da comunidade, verificamos que a vizinhança promovida pela aproximação geográfica não traduzia-se em conhecimento, afetividade e solidariedade. Atribuímos esse fato especialmente as diferentes origens e tempo de moradia no assentamento, bem como a conflitos vivenciados anteriormente no processo de conquista da terra e no acesso a programas governamentais.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As mulheres pertencentes ao grupo recém-formado vêm de lugares distintos conforme, por exemplo: uma participou do processo de ocupação e reside no local desde a época do acampamento; três moravam na zona rural e seis vieram da zona urbana. Assim, é possível inferir que são pessoas com valores, culturas, experiências e expectativas singulares que se encontram em função de necessidades objetivas.

Quanto ao tempo de ocupação do assentamento, categorizamos em dois grupos distintos: quem vive no espaço entre dois e três anos, categoria na qual se enquadra uma mulher; e quem vive no assentamento a mais de quatro anos, que engloba as demais participantes. Quanto a isso, pudemos observar que se trata de um fator diretamente ligado ao sentimento de pertencimento e a ideia de legitimidade para intervir nas decisões coletivas. Emitir uma opinião ou sugerir algo é arriscar-se a ouvir “*já fizemos isso aqui antes e não deu certo*”. Assim, antes de posicionar-se é comum que parte do grupo recorresse a frases do tipo: “*vocês que estão aqui há mais tempo podem falar melhor que eu*”.

As crenças religiosas conforme percebemos, é um elemento ambíguo que agrega e separa aquelas mulheres ao mesmo tempo. Embora o cristianismo seja a religião predominante entre elas, em termos

religiosos, o grupo está dividido em católicas e evangélicas, sendo este por vezes, um ponto conflitante nas relações entre elas. Como consequência, temos um grupo profundamente fragmentado, com laços sociais fragilizados, onde as disputas cotidianas por reconhecimento, legitimidade e poder, faz com que a individualidade se sobreponha em muitos momentos a coletividade. Destarte, o trabalho convocou o uso de estratégias que promovessem o reconhecimento de si e do outro nas relações sociais na comunidade, de forma a transformar o processo de identificação em uma via de superação das desigualdades nas relações internas do próprio grupo.

Ao tomarmos consciência da realidade comunitária a qual estávamos nos inserindo nos foi despertado o sentimento de que poderíamos estar contribuindo para a superação e transformação daquela realidade social. Uma vez aceito o desafio, o passo seguinte foi traçar junto com o grupo os objetivos. Para tanto, utilizamos como ferramenta duas metodologias participativas a Tenda do Conto¹ e o Planejamento Participativo², que instrumentalizaram a

¹ Trata-se de uma técnica que utiliza a contação de histórias a partir de objetos pessoais para promover a partilha de experiências e o estreitamento dos laços.

² Barbosa et. al. (1999) aponta o Planejamento Participativo como uma técnica orientada a partir do pressuposto que o diálogo e participação possibilitam a



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

participação das mulheres na tomada de decisões, o que veio a possibilitar para o grupo: traçar metas, planejar e criar suas próprias práticas.

O diálogo mediado pela técnica do Planejamento Participativo permitiu o reconhecimento de diversas demandas, entre as quais, o interesse comum pela atividade de corte e costura. Uma vez identificado esse interesse, os encontros passaram a ser organizados em torno dessa atividade. As oficinas de costura tornaram-se o elemento gerador do diálogo e instrumento para a problematização de outros aspectos presentes no cotidiano das mulheres.

Podemos dizer que o diálogo foi elemento constante, utilizado como ferramenta de transformação. Diálogo este que nos remete a educação popular e a perspectiva dialógica de Freire, base de nossa ação na comunidade. Segundo Freire (2005) a transformação inicia-se com o pronunciar da palavra verdadeira que práxis, em suas palavras “a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras com que os homens transformam o mundo” (FREIRE, 2005, p. 90).

Por meio das metodologias supracitadas foi identificada no interior do

distribuição do poder e a construção conjunta do futuro almejado.

próprio grupo a existência de pessoas com habilidades de corte e costura, as quais tornaram-se as orientadoras das “aulas” práticas. Assim, a costura tornou-se elemento propulsor para reflexões e rodas de conversa sobre as relações de gênero que permeiam a experiência cotidiana das mulheres, constituindo-se em um dos pilares da ação desenvolvida. Desse modo, os encontros passaram a organizar-se em dois momentos distintos: inicialmente realizávamos uma dinâmica trazendo para a reflexão questões de gênero e sexualidade, e em seguida, a oficina de corte e costura mediada pelas próprias mulheres.

Por meio da temática *vestimenta*, problematizamos aspectos naturalizados do que é próprio de homens e mulheres, evidenciando que, as roupas são por vezes, instrumentos por meio do qual, o poder é exercido sobre o corpo e vontade do outro. Com isso, emergiu o reconhecimento de proibições vivenciadas por elas no que se refere ao modo de vestir-se, e o caráter histórico e social do vestuário. Nesse sentido, as reflexões auxiliaram na compreensão do modo pelo qual se materializa, diferenças e desigualdade de gênero, bem como, a criação de estereótipos e julgamentos morais feitos a partir do uso das roupas.

O interesse por tornar a costura uma atividade geradora de renda, ofereceu

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

subsídios para refletirmos sobre a desvalorização do trabalho feminino e a autonomia das mulheres, uma vez que, os trabalhos domésticos e na agricultura realizado por elas são considerados uma ajuda ou complemento ao trabalho do homem, caracterizando uma hierarquia de gênero ainda vigente no meio rural (Marcha das Margaridas, 2011).

As mulheres rurais desempenham múltiplos papéis: esposa, mãe e domésticas. Para além destes, exercem a função de trabalhadoras rurais, o que consiste em criar animais no terreiro, plantar, colher, fazer cerca. As durezas do dia a dia no campo impõem a elas uma dupla jornada de trabalho, em casa e no campo. Deste modo, para as mulheres participantes do projeto os encontros com o grupo se caracterizou também como um espaço de lazer que contribuíram para o fortalecimento da autoestima das participantes.

Vale salientar que, além destes aspectos suscitados ao longo do projeto compreendemos a própria proposta de criação do grupo de *Mulheres* como uma possibilidade de dar visibilidade a esses sujeitos e suas demandas. Entendemos que a categoria assentados, cuja função é cimentar as diferenças entre todos os sujeitos, pertencentes aquele espaço e reuni-los em torno de um objetivo comum, torna-se

problemática, na medida em que possibilita a ideia de unidade, mas provoca também o apagamento de sujeitos políticos, que são invisibilizados em meio às relações de poder estabelecidas. Assim, ao propor a criação de um Grupo de Mulheres aqueles sujeitos demarcam um espaço político no qual buscam autonomia na tomada de decisões, de forma que a ênfase é posta na identidade das pessoas que compõem aquele coletivo, antes de estabelecer os objetivos ao qual se propõem.

No decorrer do processo recorremos à realização de rodas de conversa com diferentes finalidades: planejar, debater, avaliar, problematizar e dialogar sobre temas específicos como o empoderamento das mulheres, momentos no qual tivemos o cuidado de estimular a participação daquelas mais introvertidas, direcionando a fala para elas e utilizando técnicas de grupo.

A necessidade de promover o envolvimento dos diversos sujeitos, nos fez lançar mão de técnicas de trabalho em grupo como a dinâmica da "teia", que consiste em uma variação da metodologia descrita por McCarty & Galvão como "a corda" (2001:147). Esta, é realizada com o grupo disposto em círculo e consiste em entregar um novelo de linha/barbante para uma das pessoas solicitando que estas expressem sua opinião a cerca de algo, feito isso a pessoa segura uma ponta do fio e escolhe outro



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

participante a quem passará o novelo. O processo continua até que todos estejam segurando uma ponta do fio e tenham se expressado.

A construção de uma colcha de retalhos também foi uma técnica participativa que se fez presente. Por meio dela resgatamos histórias particulares e o viver em comunidade bem como promovemos o fortalecimento de vínculos e sentimento de grupo, nos remetendo ao lugar do outro em nossa vida entendendo a diferença no sentido de “entender para respeitar” nossos sentimentos e os sentimentos daqueles com quem compartilhamos a vida (PULGA, 2014). Na colcha de retalhos, cada pedaço de tecido compartilhado representa vivências e sentir.

Por fim, o método da terapia comunitária também foi utilizada como instrumento de construção de laços e a superação de conflitos entre as mulheres. Como propõe Barreto (2010), este procedimento parte do princípio em que todos são corresponsáveis na busca de soluções e superação dos desafios cotidianos. Assim, o uso da psicologia comunitária pode ser instrumento de fortalecimento das relações e de construção de redes de apoio dentro do espaço comunitário.

RESULTADOS

A ação desenvolvida, pautada na teoria da educação popular, gera autonomia e

empoderamento uma vez que promove junto ao grupo um processo de conscientização, de modo a fortalecer e ampliar a organização política das mulheres, reafirmando o seu protagonismo na construção do desenvolvimento econômico, político e social da comunidade. A prática das oficinas e a possibilidade de formação de um grupo permanente possibilitou colocar as mulheres assentadas em um lugar de visibilidade dentro da comunidade, bem como a ampliação de suas demandas que estão além dos movimentos sindicais e conquistas políticas.

Martin-Baró (1996) aponta a conscientização como o horizonte primordial da psicologia e propõe como tarefa do profissional psicólogo buscar a construção de um saber crítico sobre si e a realidade que o cerca. Destarte, o processo de desalienação da consciência individual ou grupal, caminha no sentido de intervir nos mecanismos que bloqueiam a consciência da identidade pessoal e social que impossibilitam a realização do *ser mais*.

Sendo a conscientização necessariamente uma tarefa mediada pelo diálogo, cuja dialética permite o encontro do indivíduo consigo mesmo, a busca de sua instauração tornou-se a primeira tarefa a ser realizada na intervenção extensionista, como estratégia para o processo de identificação e superação de conflitos.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, ao longo da execução do projeto foi sendo desenvolvida a corresponsabilidade alicerçada em um objetivo comum. Observa-se ainda que os vínculos estabelecidos tornaram-se cada vez mais sólidos. É perceptível a diferença na postura das mulheres na dinâmica das relações intergrupais, uma vez que grande parte destas que nem mesmo se conheciam, e a partir da participação no projeto encontraram nas oficinas um espaço de reflexão, troca de experiências e colaboração mútua pautada em um objetivo compartilhado.

Assim, observamos mudanças sutis em seus comportamentos que indicam uma crescente autonomia para tomar decisões também fora do grupo. Uma participante afirma: *“meu marido não queria que eu viesse, mas eu disse a ele, eu gosto dos encontros e vou”*. Outro marido reclama: *“essa daí tá ficando muito saidinha”*. O que significa ser saidinha? Reorganizar a dinâmica familiar para ir aos encontros? Demarcar um lugar na relação? Outro aspecto que expressa mudança é o cuidado com a aparência para ir aos encontros, em detalhes antes não observados, como: cabelos trançados, batom vermelho e o uso de adereços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disponibilidade para o diálogo e a oferta de um espaço de acolhimento, expressão da diversidade de saberes e experiências, cuja dialogicidade permite a produção de (res)significações, reflexões, e construção de novos referenciais, consiste em algumas das razões pelas quais as integrantes do projeto mostraram-se solícitas e abertas à participação. O fortalecimento da identidade camponesa, da autoestima, a descoberta de novas habilidades e potencialidades, além do reconhecimento de que podem ser sujeitos de transformação, são alguns frutos da implicação no trabalho realizado.

Nossa movimentação tem gerado provocações e mudanças de modo que relações de confiança e companheirismo estabeleceram-se entre nós e o grupo permitindo emergir outras problemáticas como situações de violência e opressão vivenciadas tanto no âmbito familiar quanto no interior das relações comunitárias. Tais conflitos, aos poucos vêm sendo superados, na medida em que, a convivência propicia o estreitamento dos laços de solidariedade, contribuindo para a construção de novos vínculos comunitários, a corresponsabilização e a transformação das relações estabelecidas no espaço do assentamento.

REFERÊNCIAS



BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária: passo a passo**. 4 ed. revista e ampliada. Fortaleza/CE: Gráfica LCR, 2008.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. **Inserção na comunidade e análise das necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo**. *Psicologia: reflexão e crítica*, vol. 11, n° 1, 1998, p. 175-189. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado 15 de Dez de 2015.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Psicologia clínico-comunitária**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2012.

Margaridas na luta por: desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade. Caderno de texto para Estudos e Debates. Marcha das Margaridas 2011.

MARTIN-BARÓ, Ignácio. O papel do Psicólogo. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 2, n. 1, p. 7-27, June 1997. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 10 May 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>.

MCCART, Julie. GALVÃO, Karla. **ARTPAD: um recurso para teatro, participação e desenvolvimento**. Brasil/Peru, 2001. ISBN: 0-9541538-1-2.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. - São Paulo: Hucitec, 2014.